

AGOSTINHO DA SILVA

1

# FILOSOFIA ENQUANTO POESIA

SETE CARTAS A UM  
JOVEM FILÓSOFO,  
CONVERSAÇÃO  
COM DIOTIMA,  
FILOSOFIA NOVA E  
OUTROS ESCRITOS



Copyright © Agostinho da Silva  
Copyright desta edição © 2019 É Realizações

Editor: Edson Manoel de Oliveira Filho

Produção editorial: É Realizações Editora

Idealização e coordenação da Biblioteca Agostinho da Silva: Amon Pinho

Projeto gráfico, diagramação e capa: Nine Design Gráfico | Mauricio Nisi Gonçalves

Preparação de texto: Érika Nogueira

Revisão: Geisa Mathias de Oliveira

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S578f

v. 1

Silva, Agostinho da, 1906-1994

Filosofia enquanto poesia : Sete cartas a um jovem filósofo, Conversação com Diotima, Filosofia nova e outros escritos / Agostinho da Silva ; organização, seleção e fixação de textos, posfácio e notas Amon Pinho ; prefácio Eduardo Giannetti. - 1. ed. - São Paulo : É Realizações, 2019.

432 p. ; 23 cm. (Biblioteca Agostinho da Silva)

Inclui índice

ISBN 978-85-8033-376-3

1. Silva, Agostinho da, 1906-1994 - Crítica e interpretação. 2. Análise crítica do discurso. 3. Análise do discurso literário. I. Pinho, Amon. II. Giannetti, Eduardo. III. Título. IV. Série.

19-57433

CDD: 401.41

CDU: 81.42

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644  
31/05/2019 03/06/2019

É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.

Rua França Pinto, 498 · São Paulo SP · 04016-002

Telefone: (5511) 5572 5363

atendimento@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

Este livro foi impresso pela Pancrom Indústria Gráfica em junho de 2019. Os tipos são da família DTL Elzavir ST, Trajan e Dear Sarah. O papel do miolo dos livros é o Lux Cream 70 g, e o da capa dos livros, Couchê fosco 150 g.

# SUMÁRIO

PREFÁCIO : AGOSTINHO DA SILVA, SEMEADOR DE VIDA, *por Eduardo Giannetti* .....II

LIVROS | .....27

SETE CARTAS A UM JOVEM FILÓSOFO, SEGUIDAS DE OUTROS DOCUMENTOS

PARA O ESTUDO DE JOSÉ KERTCHY NAVARRO..... 29

As cartas..... 31

I ..... 31

II ..... 37

III ..... 43

IV ..... 49

V ..... 55

VI ..... 61

VII ..... 67

Os poemas em prosa ..... 73

Fala do anjo a Jacó ..... 73

Balucei um momento ..... 75

A harpa eólia..... 78

Esquema biográfico, *por Petronilba Moutinho* ..... 80

Nota final, *por José Muriel*..... 85

CONVERSAÇÃO COM DIOTIMA..... 93

PARÁBOLA DA MULHER DE LOTH, SEGUIDA DE PÓLICLES E DE UM APÓLOGO	
DE PRÓDICO DE CEOS.....	135
Parábola da mulher de Loth .....	137
Pólicles .....	142
Apólogo de Pródico de Ceos.....	161

OPÚSCULOS, ENSAIOS PREFACIAIS E ARTIGOS | ..... 165

A FILOSOFIA DOS ANTIGOS GREGOS E ROMANOS. UMA SELETA TEMÁTICA DE	
<i>INICIAÇÃO: CADERNOS DE INFORMAÇÃO CULTURAL</i> .....	167
Filosofia Pré-Socrática .....	169
Sócrates .....	185
Platão .....	202
O Pensamento de Epicuro .....	220
O Estoicismo.....	233
A Escultura Grega .....	248
Imagens e legendas .....	262
Literatura Latina .....	274

FILOSOFIA E TEATRO. APRESENTAÇÕES E ENSAIOS PREFACIAIS A TRADUÇÕES

DE TEXTOS CLÁSSICOS.....	289
<i>Rei Édipo</i> , Sófocles .....	291
<i>Defesa de Sócrates</i> , Platão .....	295
<i>A Paz</i> , Aristófanes .....	301
<i>Críton</i> , Platão .....	305
<i>Da Natureza</i> , Tito Lucrecio Caro.....	310
<i>A Comédia Latina</i> , Plauto e Terêncio .....	334
Nota sobre a tradução e notas biobibliográficas.....	353

FILOSOFIA, CIÊNCIA E MÍSTICA NAS PÁGINAS DE <i>O ESTADO DE SÃO PAULO</i> .....	359
Filosofia Nova .....	361
Ciência e Mística.....	366

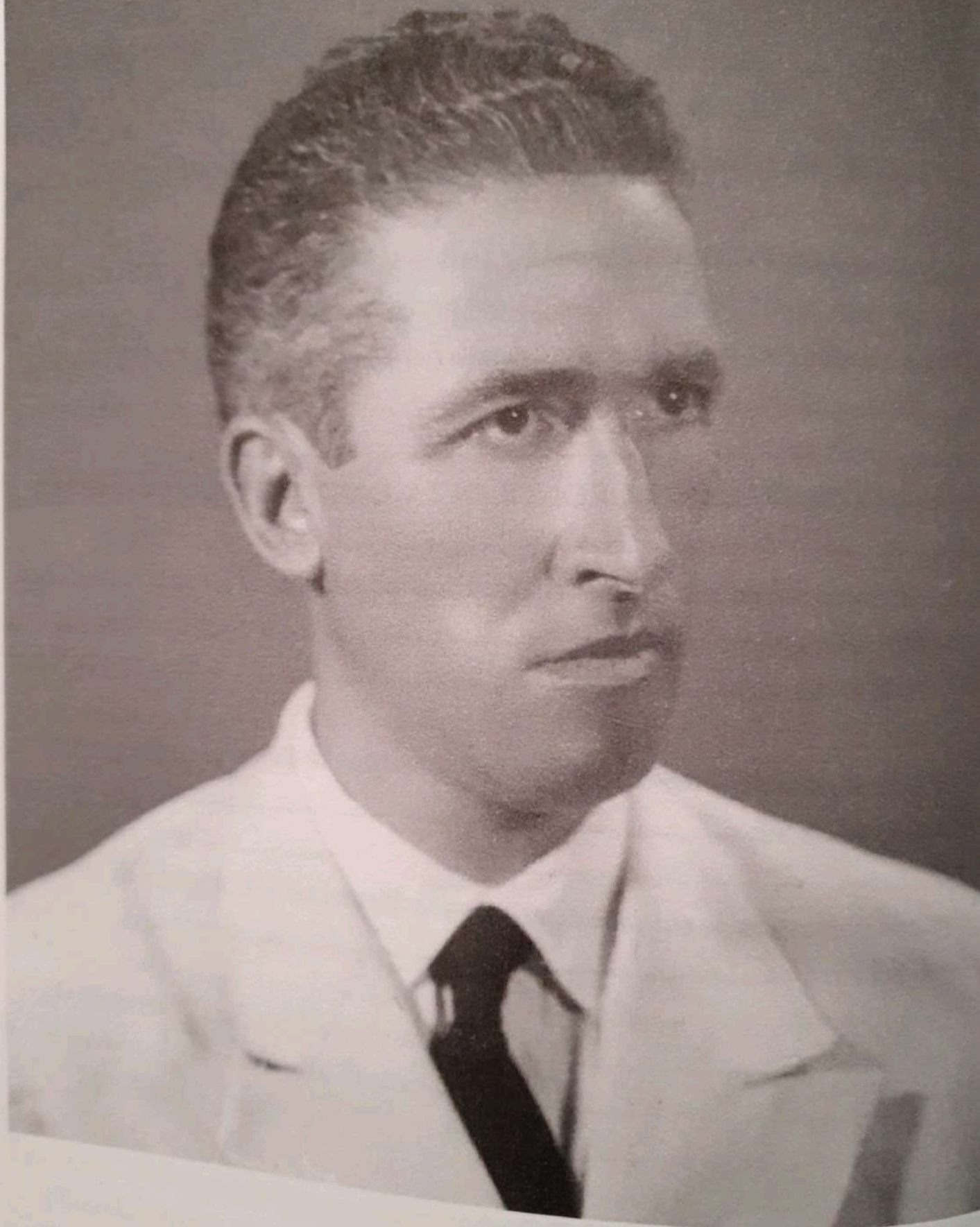
AGOSTINIANA   .....	371
Notícia (auto)biográfica, <i>por Agostinho da Silva</i> .....	373
Um dos casos mais relevantes da cultura portuguesa, <i>por Joel Serrão</i> .....	380
Retrato de um semeador (Nos 80 anos de Agostinho da Silva), <i>por Eugênio Lisboa</i> .....	386
Um intelectual solidário e generoso, <i>por Mário Soares</i> .....	390
Um homem extra-ordinário, <i>por Eduardo Lourenço</i> .....	394

PALAVRAS POSFACIAIS, CRONOLOGIA, ONOMÁSTICA | .....401

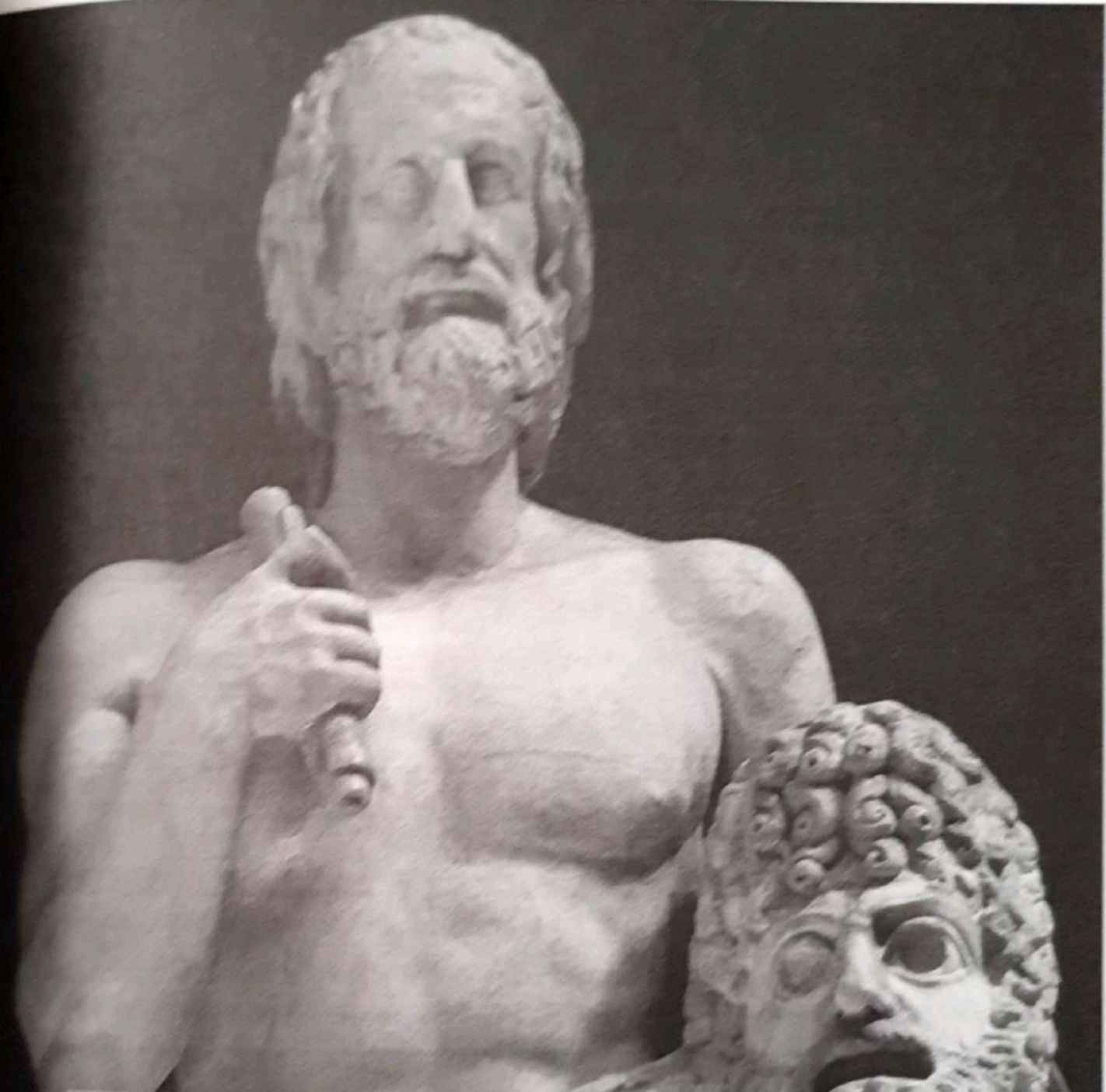
A Biblioteca Agostinho da Silva e o seu volume primeiro. Filosofia como modo poiético de vida, <i>por Amon Pinho</i> .....	403
Agradecimentos .....	413

<i>Filosofia enquanto Poesia</i> : cronologia de publicação dos livros e textos de Agostinho da Silva .....	415
--	-----

Índice onomástico de sujeitos e personagens históricos, mitológicos e/ou ficcionais .....	417
--	-----



Agostinho da Silva, em Olinda, Pernambuco, em setembro de 1953.  
Acervo Maria Gabriela Agostinho da Silva Rodrigues.



SETE CARTAS  
A UM JOVEM FILÓSOFO  
SEGUIDAS DE  
OUTROS DOCUMENTOS  
PARA O ESTUDO DE  
JOSÉ KERTCHY NAVARRO\*

---

\* Agostinho da Silva. *Sete cartas a um jovem filósofo, seguidas de outros documentos para o estudo de José Kertchy Navarro*. Vila Nova de Famalicão, Portugal: Grandes Oficinas Gráficas Minerva, 1945. (Edição do Autor) Cerca de um ano antes da publicação das *Sete cartas*, Agostinho da Silva traduz do alemão a *Balada do amor e da morte do Alferes Cristóvão Rilke*, de Rainer Maria Rilke. O manuscrito da tradução – que viria a lume em 1965 no número 4 da revista autoral *Folhas Soltas de S. Bento e Outras*, em que eram colaboradores Agostinho da Silva ortônimo e uma série dos seus personagens heterônimos, tendo sido, aliás, a autoria da tradução em tela ali atribuída a um deles, o médico Caio Porfírio Martins Rodrigues – data exatamente de 22 de março de 1944 e é dedicado a Maria Violante Vieira (1915-1997), amiga (a partir de 1969-1970 também companheira) formada em Filologia Germânica, com quem tivera conversas memoráveis acerca do poeta do indizível. É nessa circunstância de conversação, tradução e visitação da obra de Rilke que a escritura das *Sete cartas a um jovem filósofo* realiza-se portanto, já desde o título ecoando as *Cartas a um jovem poeta*, o “senhor [Franz Xaver] Kappus”, destinatário da prosa tocante, lírica, sábia e envolvente que, em forma epistolar, o autor das *Elegias de Duíno* a ele endereçara. Ao longo deste volume inaugural da Biblioteca Agostinho da Silva, de diferentes maneiras poderá o leitor perspectivar a multifacetada ideia agostiniana de filosofia enquanto poesia, cabendo-nos, nesta nota preambular às *Sete cartas*, apenas trazer à cena certos elementos de poscênio, cujo conhecimento pode ensejar uma melhor contextualização e compreensão do *ludus*, do jogar criativo, perspicaz, fecundo e repleto de ressonâncias, de enlaces e interpenetrações, com o “jovem filósofo” e o “jovem poeta”, a poesia e a filosofia, as instâncias do rigor conceitual e aquelas próprias à sensibilidade artística; seus fôlegos respectivos; picos, voos, horizontes, profundidades; cosmovisões e iluminações. [N. do O.]



## *As cartas*

I

Meu caro Luís:

Conhecemos tão pouco da vida, do mecanismo complexo que deve ser este do mundo que, segundo me parece, o decidir-se não tem grande valor, senão no que respeita à estima que poderemos manter por nós próprios, à confiança que talvez seja absurda, mas que em todo o caso nos permite o viver. Creio que, sejam quais forem as circunstâncias, tanto faz decidir-se depois de ter pensado bem um ponto como decidir-se atirando uma moeda ao ar; meditamos gravemente, pesamos todos os elementos, depois fazemos exatamente o que faria o homem que, tendo visto apenas a milésima parte de um milímetro do dente de uma roda de engrenagem, tivesse opiniões firmes sobre o gênero de papel ou de bolacha fabricada pela máquina que não a percebe no seu conjunto. Só por um extraordinário acaso se poderá acertar; temos todas as possibilidades, caro Amigo, de tomar sempre uma decisão errada; a sorte da moeda ainda deve talvez ser a melhor, porque, pelo menos, suprime do sistema, já complexo, um elemento que pode perturbar: o da nossa vontade.

A sua decisão de se dedicar à filosofia repousa, pelo que me diz e pelo que eu conheço de si, no entusiasmo que lhe despertam as leituras dos filósofos, no interesse que têm para o meu Amigo todos os grandes problemas filosóficos e no gosto que teria em apresentar um dia uma congeminação sólida, sem falhas, sobre a estrutura do mundo, sobre o sentido da vida. O não ter posto qualquer espécie de preocupação material, o não ter pensado logo, como quase todos os outros, nas possibilidades que haveria para si de se empregar no fim do curso,

não lhe deve ter deixado de aparecer como um bom gosto moral, porque o sei bem sensível em tais questões. Como esta nossa conversa de hoje tem fatalmente de seguir um pouco o curso errante de outras nossas conversas, porque, como já teve ocasião de me dizer, não possuo muito o talento da construção lógica, vou dizer-lhe o que penso deste ponto, ou, pelo menos, de uma parte dele.

Não sei por que motivo o meu Amigo põe de lado tão ligeiramente os interesses materiais: não ignora decerto que há países em que a profissão de filósofo, de filósofo de ensino, não dá nenhuma espécie de compensação material: é um trabalho para vegetar, não realmente para viver. Você tenciona, pelo que depreendo da sua carta, ser um filósofo, não no sentido de que exporá doutrinas alheias ou construirá uma sua doutrina e se dará satisfeito com tudo isso, mas no sentido de que tentará pôr a sua vida de acordo com a sua filosofia, à maneira de certos gregos e de quase todos os hindus. Se isso é assim, o fato de se não importar muito com a parte material da vida, de ter, como se diz, desprezo pelo dinheiro, é já a consequência de uma filosofia; se fosse a sua filosofia a estar de acordo com a vida, você construiria, por exemplo, uma filosofia de miséria sobre uma vida de miséria; mas, como é o contrário, você sobre uma filosofia de desprezo dos bens materiais constrói uma vida em que esse desprezo se manifesta amplamente; mas desprezo ou repulsão? Um Sêneca, como você talvez já saiba, teve o desprezo das riquezas, mas foi banqueiro; um santo tem o desprezo da riqueza e nunca é banqueiro: são duas atitudes diferentes. Você naturalmente vai pela primeira: se a miséria vier, paciência, se vier a riqueza, paciência também.

Se você não se importa, ponhamos de lado o primeiro dos problemas que neste ponto se poderiam levantar e que seria o seguinte: se você, agora, é que vai aprender filosofia, se você ainda não tem a tal concepção do mundo, por que razão se decide por um dos caminhos? Que o levou a não ser médico ou engenheiro ou comerciante, a ter uma profissão lucrativa, a acumular uma fortuna e a ter depois uma vida de filosófico repouso? Por que não tomou ainda um terceiro caminho: o de uma profissão lucrativa casada com a filosofia? Não foi por ter razões, porque elas só poderão existir depois da filosofia; foi por instinto, por temperamento? Curiosa posição para um filósofo; terei muito gosto



em que me demonstre, em qualquer altura da sua vida, que agiu por motivos racionais, porque eu, meu caro Luís, fico desde já com a impressão de que você agirá sempre por temperamento, como, segundo me parece, agem todos os homens. Isto porém, foi só apontar a questão: não a discutiremos por agora.

Há outro problema, e muito grave. Posso estar na vida em três atitudes principais: a de dar, a de receber, a de dar e receber. Como tipo da primeira, poderíamos pôr Jesus; como tipo da segunda, eu, que você está sempre a acusar de egoísmo; como tipo da terceira atitude, os milhões e milhões dos nossos semelhantes. O seu caminho parece ser o de dar, sem nada pedir, o que leva quase sempre a nada receber e até, por uma espécie de esclerose, a nada querer receber; negarei que é um caminho muito belo, sob o ponto de vista artístico? Claro que não. É muito difícil. Já lhe conhecemos todos os episódios principais, sabemos da calúnia e da traição, da flagelação e da coroa de espinhos, do caminho sob a cruz, e do Calvário. Sob o ponto de vista estético, desejo que renove a história, no seu plano, evidentemente, com simplicidade, sentido de composição, humanidade e, se puder, convicção; mas talvez seja o contrário: talvez seja mais belo fazer o mesmo sem convicção nenhuma, sem ter nenhuma ideia clara da verdade; já lhe tenho dito por várias vezes que me parece ser a incerteza de Jesus, a sua recusa diante de Pilatos, um dos elementos mais impressionantes de toda a história da Paixão. Cristo morreu sem certezas, ou, pelo menos, sem nenhuma das certezas que seriam essenciais: por isso o venero tanto.

É evidente que se poderia retorquir que ter assente o dar é já possuir uma certeza; mas não deve ser certeza de ordem racional, porque você, repito, não tem ainda uma filosofia; é uma certeza de ordem temperamental. Estará certo o seu temperamento? Um temperamento está sempre certo em dois sentidos: primeiro, biologicamente, depois na máquina do mundo. Biologicamente porque, dados os seus ascendentes, não podia ser senão o que foi: é uma questão de genética e que não põe de modo algum o problema do livre-arbítrio, porque o exercício da vontade sobre o temperamento é uma questão diferente da fatalidade de temperamento; biologicamente ainda, porque tem de se contar com toda a influência do metabolismo no temperamento, a menos que você,



radicalmente, não ponha tudo isso como uma ação à distância do gene; terceira vez, biologicamente, porque você vive em simbiose com os homens e com os outros animais e essa simbiose não pode deixar de lhe trazer modificação ao que seria, digamos, o seu temperamento inicial. Por outro lado, o seu temperamento está sempre certo quanto à máquina do mundo: passamos por aqui da biologia à física, e se quiser à matemática: cada estágio do mundo é uma dedução, um desenvolvimento correto, segundo as regras, de um estágio anterior; segundo que regras? Segundo as regras de uma matemática universal? Creio que não; segundo as regras da nossa miserável matemática, da única que podemos conhecer. Mas, segundo regras, e é o que importa.

Mas o seu temperamento, se está certo segundo a ordem do poder, que é a da biologia e a da física, pode não estar certo no plano do querer, que é o do espírito. Por outras palavras: é esse seu temperamento do dar o que mais convém a você e aos seus semelhantes? É ele o que poderá dar a todos, incluindo você, maior soma de felicidade? São tantas as questões que se levantam à volta desses pontos que nem os poderemos expor todos: creio, pois, que seria interessante conversarmos sobre alguns; e escuso de lhe dizer de novo, porque você já me tem ouvido centenas de vezes, que não tento resolver problemas: estou simplesmente a levantar-lhos.

E em primeiro lugar: deve ser a felicidade um critério? Para mim, só é questão a felicidade própria, acho que a dos outros deve ser sempre um critério. Sempre? Se Beethoven, para compor a sua música, se Dante, para escrever a sua poesia, se Tolstói para viver a sua vida, mais bela, mais dramática do que os livros, tiveram de esmagar felicidade à sua volta, se, como creio, uma coisa se não podia ter feito sem a outra, que valeu mais? Devia também ter sido critério para eles a felicidade dos outros? Se um artista tem uma obra dentro em si, deve sacrificar os outros ou a obra? Nenhum artista, é claro, hesitaria na resposta: a obra nunca se sacrifica. Os artistas, querido Amigo, são uma espécie de lobisomens: obedecem a um fadário, não podem deixar de sacrificar os outros em vez da obra; o que não é, nos melhores, pequeno elemento para que sofram.

Mas, você? É possível que também tenha de escolher. Pode haver um momento na sua vida em que você tenha de decidir-se entre a felicidade de alguém



e a sua problemática filosofia. Se o seu caminho é o de dar, o que é lógico é que faça a dádiva mais alta: a de si próprio, a da sua obra. Se o não fizer, você toma a outra atitude, a de receber, que é sempre a do artista, considerado como criador; é evidente que, realizada a obra, ele passa a ser o que mais dá. Mas como criador é egoísta; sempre egoísta, o mais possível egoísta; talvez, de resto, o egoísmo seja aparente; talvez o artista, em vez de dar a um, se esteja reservando para dar a milhões. Em qualquer caso, num certo momento, é egoísta; o que é duro. Você? Mudará de caminho? Sacrificará a sua obra? Talvez o faça, é natural que o faça; o seu temperamento, de fato, é o de dar: e dará. Depois de todos esses projetos de filosofia virá uma existência pacata, uma vida vulgar, e uma saudade que o não deixará nunca, querido Amigo: a saudade do que não foi; a saudade, que têm tantos pais, do menino que nunca se gerou.

Mas, deixe-me dizer-lhe o que penso: se você sacrificar a sua obra, é porque a não tinha: havia apenas o desejo da obra, a imaginação da obra, e nada mais. Porque, se ela existisse, você passaria por cima de tudo, esmagando tudo, sem piedade, com horror, mas sem piedade, como os couraceiros de Waterloo! Quem tem uma obra, a obra o tem; quem traz mensagem a há de ler perante o rei; arqueja, mas lê, sufoca, mas lê, e depois de ler cairá por terra, mas já a leu. É a posse mais terrível de todas, a escravatura mais completa, aquela que uma obra exerce sobre o seu criador. Se você a não fizer, é realmente porque a não tinha, porque era fraco: a opinião dos seus amigos era apenas uma ilusão dos seus amigos. Se você for um criador não dará a felicidade nem a si nem aos que estão imediatamente à sua volta.

Suponhamos que pomos de lado o problema da felicidade e vamos por outro caminho. É o temperamento de dar o mais útil aos outros? Aqui se põe uma questão prévia, que você terá de resolver: qual é o seu critério de utilidade? Sabemos, pela escassa experiência histórica e pela ainda mais reduzida experiência pessoal que é a nossa, que nem sempre o que se julga útil foi útil, que nem sempre o melhor gerou o melhor. O aparecimento de grandes chefes morais e religiosos significou, muitas vezes, para a humanidade, o início de duras tiranias; e perfeitos atos de banditismo, praticados com a pior gente do mundo, vieram a dar resultados que são inteiramente de outro plano. Na minha vida,



o que foi bom em si veio a ter, muitas vezes, consequências nada benéficas; e o contrário. Examine a sua vida e veja se, mesmo nos poucos anos que já teve ao seu dispor, lhe não sucedeu exatamente o mesmo.

Só teríamos uma certeza de utilidade esperando até o fim do mundo, vendo o resultado final que se tenha atingido e averiguado em que medida cada ato histórico, isto é, cada ato preso, incrustado no tempo, terá contribuído para esse resultado. Mas nós não chegaremos até o fim dos tempos. E creio que, se chegássemos, veríamos desaparecer com o universo toda a distinção entre útil e inútil, ou entre favorável e prejudicial; o céu e o inferno estão em função de existência e de espaço; no dia em que tudo isso desaparecer ou no momento em que tudo isso se supere, no momento em que haja eternidade, nada foi útil ou prejudicial: tudo foi simplesmente; e ninguém julgará, e ninguém será condenado.

Dirá você que, se tudo isto é assim, não haverá objetivo a atingir: seremos como a macieira que daria maçãs, mesmo que ninguém lhes comesse; que a última razão dos nossos atos não deve ser a de um alvo, mas a de uma existência, que mesmo aqui devemos abolir as causas finais. Simplesmente, querido Amigo, o espírito é finalista, tem ideais; abre-se aqui um conflito, senão entre a estrutura, pelo menos entre o aspecto do espírito e o aspecto do real: o primeiro põe objetivos, o segundo apresenta consequências; o químico quer sulfato de zinco, mas o sulfato só é porque existiram, nas proporções convenientes, o metal e o ácido. É este naturalmente um conflito fundamental e insolúvel, a batalha entre o querer e o poder. Você vai um dia, como filósofo, arranjar explicações sutis e poderosas, sistemas que o expliquem e resolvem: mas o conflito permanece.

Queria escrever-lhe mais, e a carta maior ficaria incompleta. Mas sabe o que é a minha vida e como nunca poderei ir além da preparação de tudo o que mais desejaria fazer; esta carta é um bocado de carta, como a minha vida é um bocado de vida. Conto, no entanto, escrever-lhe de novo dentro de uns dias. A menos que você prefira vir por cá, para que palremos.

Amigo certo,  
*José Navarro.*

Amigo Luís:

A nossa última conversa foi tão rápida e em lugar tão pouco propício para que falássemos destes assuntos que não lhe fiz comentário nenhum ao que você me disse sobre o amor da Natureza; ouvi-o apenas e devo ter-lhe parecido desatento; de resto, na altura, isso pouco o impressionou: você, querido Amigo, estava em transe, em plena crise de faquirismo, e tanto lhe fazia que eu o ouvisse como não; ou falava como uma torrente que rompe o dique e rola sem nenhuma possibilidade de se conter, ou, como me parece que, às vezes, acontece consigo, falava para se ouvir a si próprio: é o grande perigo das pessoas que falam bem: são as serpentes de si próprias, saem dos cestinhos para ouvir a música deliciosa, e o que podia ser uma manifestação esplêndida de humanidade transforma-se em espetáculo de rua. Note que não o censuro nada: você faz o que pode; mas há aí um lado inferior da sua personalidade; ou, talvez, seja o defeito de uma qualidade.

O meu ponto, porém, não era este: quero dizer-lhe que estive realmente com atenção, embora você, hoje, passado o transe, se lembre do meu aspecto e possa ser levado a sentir um pouco de mágoa por eu ter perdido um discurso tão veemente, tão apaixonado. Mas, como lhe digo, o ambiente não me agradava, sobretudo para a tarefa que me parecia urgente executar: a de lhe dizer que me desagradava o seu tom e quase tudo o que o meu amigo estava a dizer. Doutra pessoa teria ouvido com resignação, e você sabe que sou perito nessa arte; de você, não o posso aceitar: o meu Amigo pode mais, tem que dar mais. O critério do cavalo, não é verdade? Se a pobre alimária se arrasta na espinha, vá lá pondo as lentas patas nas asperezas da ladeira e sigamos nós atrás, pacientes, só a incitá-la de quando em quando, mais por hábito do que propriamente por convicção; pois se o cavalinho não dá mais... Mas você é puro-sangue: tem de saltar e tem de correr; tem de dar tudo o que puder e, se eu tiver alguma espécie de influência em você, há de dar mais do que puder. Há de se inventar



você próprio a você: criar um outro Luís, melhor do que esse que possui, e obrigá-lo a criar, a esgotar-se todo na divina tarefa de criar.

A minha faina quanto a você é só esta: obrigá-lo, não o deixar em descanso no que já pode, não permitir, seja pelo que for, que você de quando em quando e cada vez mais frequentemente sinta desejos de se imitar a si próprio; o que faltou, segundo o crítico, ao Victor Hugo: bom poeta, exceto quando se julgava Victor Hugo. Pois bem, querido Amigo, por mim, pode você estar seguro: nunca lhe permitirei que faça, do que é, uma profissão, que gele no que pareceu interessante a você e aos outros, que seja uma atitude em lugar de uma pessoa, a figura de cera de um museu, sempre o mesmo, e catalogado. Com uma agravante: os museus visitam-se e até se podem não visitar nunca; ao passo que você, transformado em figura de cera, possuirá o dom terrível de nos poder visitar a nós, sobretudo quando não teríamos paciência nenhuma para escutá-lo. Estou a ser rude? Não, meu caro Amigo: o mais brando que me é possível. Eu não sigo na vida o seu caminho de dar: sigo o de dar e receber. Inflijo-me o menos que posso aos meus Amigos; tenho o direito de exigir, porque não sinto vocação de mártir, que se inflijam a mim o menos possível. Você sabe que “infligir-se”, no meu vocabulário, significa trazer a cada um aquilo que é em nós pior.

E você, com os seus ditirambos sobre a Natureza, está realmente a trazer a público o que há em si de menos interessante. Não creio, meu caro Amigo, que se possa fazer no mundo alguma coisa que valha, sem que se sinta esse amor da vida que há dentro de você. É, de fato, uma vibração apaixonada, um entrar em nós do mínimo som, da brisa mais leve, do tom mais fugidio, e também um ressoar em nós dos grandes, das poderosas forças naturais; tudo retumba como um mar tempestuoso e tudo se entretece da delicadeza com que as pétalas de rosas se ondulam no bordo. Sente-se o que você diz: a impressão de que verdadeiramente a vida é nobre e bela, forte, calma e clara, e de tão extraordinário encanto, de tão ardente energia que se plenamente tivéssemos consciência do que é a vida não a poderíamos suportar. Explodíamos. E você não exclui nenhuma parte da vida; tudo é belo para si e parece-me que de nenhum modo você iria, por um sonho, abandonar a realidade; mais ainda: você estará talvez a caminho





de conseguir que o sonho seja para si uma parte da realidade, em lugar de lhe aparecer como diferente e, até, como contraditória. Há em você, querido Amigo, uma primavera perpétua, a apetência de viver dos rebentos das árvores, e é tal o esplendor do sol que o ilumina que até a melancolia do outono ganha através de si um brilho que, talvez, a desnature, mas que é, sem dúvida, uma forma de amor. A chuva canta para você melodias que são sempre heroicas, o nevoeiro cerra sempre perante você os véus misteriosos de que, às vezes, no caminho dos heróis, irrompiam as deusas. É inútil discutir se você emprestou à vida a sua própria vibração, o seu entusiasmo, o seu ardor, ou se é apenas como que um ponto aonde vêm coincidir todas as irradiações das coisas.

Nem lhe falta o amor das pessoas; você manifesta interesse pelo mais vulgar e não é um interesse que venha ou da caridade ou de uma curiosidade de zoólogo; é um interesse que vem de uma profunda simpatia: cada homem e cada mulher que lhe aparece é para você uma esplêndida revelação da vida. Não o acompanho muito nesse campo, mas suponho que percebo; o ser humano faz-me por vezes um pouco de impressão: gosto mais dos troncos dos plátanos do que dos nossos literatos; gosto mais da água que me reflete do que da minha imagem. Você, até da sua imagem gosta, como Narciso: e eis o perigo.

Mas não é por aqui que ele me parece mais acentuado. Há em si, pelo que respeita ao objetivo, um peso bastante grande para que se contrabalance o narcisismo. E talvez não: poder-se-ia pôr a ideia de que Narciso para Narciso é objetivo, tanto como para você os rouxinóis e as nuvens. Mas, para os outros, você amar-se-á sempre a si próprio: e essa espécie de enamorados é a única inútil no mundo; o amor de Narciso é um tema de tragédia e de poesia lírica: e ser tomado pela arte é, de certo modo, ser excluído da vida, colhido, metido numa moldura e transformado em adorno de sala; o que é realmente vivo parte todas as molduras e regressa à liberdade da selva.

Voltarei ao que lhe ia dizendo, para lhe assegurar mais uma vez, que não creio possível uma verdadeira grandeza sem esse amor da vida: todo o herói o teve e nele mergulhou plenamente e dele tirou as energias que o mantiveram no combate. Simplesmente, querido Amigo, o amor existia dentro dele, não por fora. Quem fala de Amor não ama verdadeiramente: talvez deseje, talvez



possua, talvez esteja realizando uma ótima obra literária, mas realmente não ama; só a conquista do vulgar é pelo vulgar apregoado aos quatro ventos; quando se ama, em silêncio se ama; às vezes o sabe a mulher amada, mas creio até que num amor que fosse pleno, em que nada entrasse das preocupações da terra, nem ela o saberia. Você vai retorquir-me com os artistas: tal poeta canta a sua amada, tal músico confessou o seu amor numa sonata ou num concerto.

Mas convém que pensemos; e teremos um primeiro problema: canta o poeta o seu amor ou há nele um poeta que o canta? No artista, há sempre duas pessoas: o homem que pode ser ou não ser de excelente qualidade, e o artista; é o homem que se emociona e da sua qualidade depende a qualidade das emoções; o artista, que nunca se comove, que é um empedernido espectador, e por isso mesmo cria ao homem graves problemas morais, esse contempla o que se passa, anota, arquiva e, logo que se liberta do homem, escreve ou compõe; e há tal nitidez e segurança no que apreendeu que o homem fica quase sempre com a impressão de que não foi mais do que um servidor do artista, que foi um escravo, um ser utilizado; daí os desesperos e as revoltas. Não é quando se está em transe de amor, o único momento em que verdadeiramente se ama, que se escreve ou se compõe ou se pinta: é depois, quando o amor se abateu, quando reina o artista, quando é só em todo o campo, e há do amor apenas a lembrança, quase uma reminiscência platônica, no sentido de que foi uma experiência que nos excedeu e de que só poderemos recordar fragmentos e, talvez, o que menos valha.

E depois, apesar dos artifícios dos poetas, não temos nunca a certeza de que haja no amor que eles cantam um amor pessoal; um soneto de amor pode não ser mais do que uma teoria do amor; não se exprime em termos filosóficos, mas pode ter tanto de real como o teria um sistema; do real como base, entende-se. Nessa altura, o poeta não ama: são talvez ainda os que melhor falaram de Amor. Não ama pessoalmente; não ama um objeto. O verdadeiro Amor é talvez impessoal: enquanto há um objetivo bem definido, bem claro aos nossos olhos, não amamos. Como enquanto há um Deus pessoal se não atingiram as maiores alturas místicas. Disso, porém, poderíamos falar noutro dia.

O que eu lhe dizia, caro Amigo, é que me parece que ao verdadeiro Amor corresponde o silêncio; a perfeita vibração diante de uma flor ou de um pôr do



sol ou de uma libélula sobre as águas de um ribeiro ou, o que mais vale, diante de uma mulher, traz consigo uma inibição de todas as funções de relação; não se diz nada à rosa, não se diz nada à mulher e, com muito mais razão, não se diz nada aos amigos, não se lhes comunica, com esse entusiasmo, com que você o faz, que se nadou no azul dos céus ou totalmente nos fundimos no grande corpo de Deméter. Os mais fracos correm diante das suas emoções uma porta ondulada de ironia. Os mais fortes, porém, e eu desejo que você seja dos mais fortes, encerram-se num palácio de silêncio.

Depois, querido Amigo, temo que você não possua dentro em si o forte núcleo que lhe permita vibrar sem se dispersar; não sei se todos esses aros de volante se encontram tão solidamente presos ao veio central que não haja velocidade capaz de os fazer voar em pedaços. Você também não o sabe; é novo demais para o saber e não lhe desejo para breve esse encontro com o núcleo central que se não comove, que se mantém sempre duro como pedra, que não participa do Amor. Você lembra-se da história de Joana d’Arc? Todo o corpo lhe ardeu: mas não ardeu o coração. Em todo o grande há esse coração que não arde, que dirige, ordena, concentra; galopa a quadriga, mas o cocheiro vai atento; aclamam os espectadores e ele nem os ouve: basta que os ouçam os cavalos; levanta-se a poeira e ele, porque é bom cocheiro, vê através da poeira. Se não houver em você uma dura resistência a esse vibrar perante a Natureza, se a vida se apoderou totalmente de você, o meu caro Amigo vai entrar na galeria, já bastante vasta, dos que foram esperança.

As grandes conflagrações são para os fortes, para os que têm núcleo. Arde no fogo, vai em chama e em fumo todo o papel e todo o pano; mas o metal se purifica e se concentra. Não era Santa Teresa que não permitia às monjas fracas entrarem nos caminhos aonde as esperava o último arroubo do espírito? As pobres freirinhas se perderiam para sempre, sempre, e julgando salvar-se. Seja lento e calmo: não se entregue tão de súbito à vida; você não sabe se pode resistir. É uma experiência que você tem de fazer com cuidado, dando tempo ao tempo, deixando que o fruto amadureça na árvore. Sou como o lavrador que não gosta de ver flor antes de bem firme a primavera; quem vem de fora, da cidade, cai em êxtase e no tal êxtase falado que motivou esta carta; ele, porém,



receia os ventos que hão de vir e o granizo. Deixe firmar-se a primavera também em si, uma primavera temperada de uns arrepios de ironia, com a acidez de março em lugar das molezas perturbadoras de maio. Avance devagar, atento, como quem vai patinar e já não tem confiança no inverno e experimenta a cada passo a resistência do gelo. E se vir que não possui o tal núcleo de que falávamos, receie a Natureza mais do que a ame; ela respeita os que têm força verdadeira e mais fortes os torna; mas, como você sabe, implacavelmente devora quem é fraco.

Dir-me-á você que será um tormento sentir a resistência, perceber que alguma coisa dentro em si se não abandona às brisas e às cores e aos perfumes; claro que sim: mas como queria você viver sem um tormento? Estar de graça no Teatro da vida? Não teria boa consciência, não é verdade? Pague o seu bilhete. E o bilhete é sempre sofrer. Além de tudo, a existência do que resiste é a sua única salvação no mar da vida: aqui, poderíamos dizer que a dor o levará ao que há de mais profundo e de mais nobre no ser humano.

Creio que você atravessa apenas uma crise: tenho confiança no que você é; à medida que os anos passarem, você sentirá cada vez mais necessário o silêncio, cada vez mais necessária a coragem: porque terá visto como um todo único, e em todo o seu esplendor, sofrer e amar. Será homem. Em todo o caso, tome as suas precauções: precisa de adorar as sereias; mas prenda-se ao navio.

Sempre muito seu amigo,

*J. Nav.*



## III

Caro Amigo:

Parece-me ser o ponto essencial da sua carta aquele em que você se refere ao problema de se atirar ou não a moeda ao ar, de cada vez que se tem de tomar na vida uma resolução grave. Repugna-lhe fazê-lo e devo dizer-lhe que também a mim me repugna e tanto que nunca o fiz; suponho, pelo que nessas coisas podemos garantir de futuro, que nunca o farei. Simplesmente, não creio que seja pelas suas razões: você pensará sempre, o que veremos, porque está convencido de que a inteligência do homem pode penetrar o universo, de que há uma coincidência entre a razão e a ordem do mundo. Creio que você, de fato, está talhado para a filosofia e para a espécie mais curiosa da filosofia, a dos sistemas; já tem um dogma, o da razão; depressa adquirirá os que lhe faltam.

Acha você que temos de estabelecer distinções entre os momentos graves e os não graves da vida? Será, por exemplo, mais grave casar-se do que entrar no elétrico<sup>1</sup>? Se tivéssemos imaginação de romancista, poderíamos construir já duas histórias, uma que mostrasse as consequências funestas do João Alves ter ido a Algés e outra nulidade, a inexistência que foi a vida de João Alves depois de ter casado, mostrando, além de tudo, como em nada se alterou a anterior monotonia e desinteresse da sua vida. Todos os nossos atos podem ser igualmente graves e só porque são atos: tudo é consequência de tudo, nenhum elemento se perde nesta máquina do mundo; tudo o que fazemos se reflete no que vem, é já mesmo o que vem. Como havemos de dizer que tal ação é grave, séria, que outra o não é?

Se adotarmos o critério da moeda, temos de tentar a sorte em todos os atos da vida; nada me garante que seja melhor almoçar do que não almoçar; poderei evitar grandes desastres, para mim ou para os outros, não almoçando. Não estou de posse, quando vou almoçar, de todos os elementos que se referem a mim,

<sup>1</sup> Em Portugal, veículo urbano de transporte de passageiros movido a eletricidade, em geral com uma composição apenas, e que se desloca sobre trilhos; mesmo que bonde no Brasil. [N. do O.]



nem de posse de todos os elementos que se referem aos outros; como hei de prever as consequências? Não lhe parece que estamos todos, quando nos temos de resolver, na situação do homem a que pedissem o máximo divisor comum de dois números, sem que lhe dessem o segundo? Faria mal esse homem em atirar a moeda ao ar? Valeria mais raciocinar? Mas raciocinar sobre quê?

Consigo, Luís, e você já o tem notado várias vezes, o discurso não é muito lógico. Há em mim um certo gosto pela improvisação de circo: o *clown* nem sempre é muito lógico, mas, às vezes, faz perguntas embaraçosas e lança o remo que vai ferir no mais fundo da alma o espectador inocente, o que entrou para se rir. Passei, quase insensivelmente, da primeira questão, a de que não há atos graves e não graves, para a segunda, a de que a moeda girando no ar é tão boa solução como a outra, a racional. Parece-me perfeitamente absurdo preferir uma à outra. No entanto, como lhe disse, penso sempre. Sucede aqui o mesmo que me acontece com a loteria: já o vi a você comprar um vigésimo; eu nunca o fiz; mas estou convencido de que ter um emprego é exatamente como jogar na loteria, quanto à segurança do dinheiro. Precisamos, portanto, de averiguar por que joga você, homem racional, por que não jogo eu, homem de incertezas e de impulsos. E precisa você de saber que ou deixa de comprar vigésimos ou passa a lançar a moeda. A lógica, meu caro Amigo, é uma fidalguia: é preciso trazê-la bem, sem uma falha. Mas a lógica é uma fidalguia tão grande que nunca se consegue trazer bem.

Há em mim qualquer coisa de fundamental que me impede de jogar, seja no que for; não é um raciocínio ou, pelo menos, eu não o sinto como tal; é um impulso, um instinto, uma estrutura e creio que poderíamos discutir indefinidamente sobre se essa estrutura é também uma estrutura minha, particular; é, por exemplo, particular, no sentido de que você a não tem, ou ainda a não tem: você é ainda uma solução, não sei em que sistema cristalizará. Mas pode não ser uma estrutura particular minha no sentido de que adiro por aí às raízes do mundo; quero dizer: penso sempre, porque o mundo pensa, não jogo porque na essência do universo não há jogos. Mas, então, por que joga você? O não haver jogo essencial no universo não quer dizer que não haja jogos aparentes; estamos aqui como em física nas leis estatísticas, ou como nas simetrias dos



cristais, apenas aparente, porque o átomo, base fundamental, é, por ser um fenômeno, assimétrico.

Eu ser-lhe-ia infinitamente superior, porque recuso o jogo. Comigo, a razão, a lógica, a inteligência, a matemática que você me prega. Mas não creio em nada disso: deve ser uma estrutura particular, como a da amendoeira que a leva a dar amêndoas, como a da alfarrobeira, que a leva a dar alfarrobas. Imutável, como na árvore. Leio tudo, ouço tudo, tentam educar-me os amigos, você à frente, com todo esse ímpeto agressivo e impaciente do animal jovem. Uma amendoeira rodeada de alfarrobeiras, ouvindo todo o dia o ramalhar das alfarrobeiras, com todo o horizonte tapado por alfarrobeiras, cavada e regada pelo mesmo homem que rega e cava alfarrobeiras, e tem por elas muito maior consideração, continua placidamente a produzir amêndoas. O que poria grandes limitações à pedagogia. E disse *placidamente*: mas o termo está mal: tudo se passa num plano em que a placidez está superada, como está superada a indiferença, e o instinto. Continua, amendoeiramente, a produzir amêndoas.

A questão que me parece importante, e a única em que podemos chegar a uma conclusão, é a das diferenças que existem entre mim e você; como processo para o caracterizar a você, para o Luís se ver melhor, inteiramente a nu; porque só falo de mim, na medida em que pode servir a minha experiência à experiência dos outros. Parece-me grave que você compre vigésimos e se recuse à moeda; parece-me grave que me diga que não lança a moeda porque o mundo é inteligível e a sua inteligência é capaz de lhe penetrar os segredos. É grave, querido Amigo, porque vem confirmar o que já tenho pensado sobre a sua falta de núcleo interior, de equilibrante densidade. Lembro-me de lhe ter falado numa carta anterior da sua posição perante a Natureza: creio que lhe disse que você era mole perante ela e corria o perigo de se dispersar, se dissolver, ou de passar a ter o amor da Natureza como uma espécie de atitude, ou, pior ainda, de profissão. Além do perigo, muito grave também, de que você, com essa segurança da inteligibilidade e de inteligência, nos venha a dar um Torquemada filosófico; o que seria, de resto, entrar nas tradições dos grandes criadores de filosofia, intolerantes e fechados. Isso, porém, é outra questão.



Se fosse capaz de manter perante a Natureza o tal coração que não arde, o interior que se recusa, você responder-me-ia, por exemplo, se não quisesse ir para a solução da estrutura, que não lançava a moeda para não renunciar. Digo-lhe que isso se passa comigo: estou bastante convencido de que a inteligência não pode penetrar o universo, de que estamos a construir, com o nome de ciência, as mais grosseiras estatísticas de que pode haver exemplo; isso não obsta a que eu estude física, e com a paixão que você sabe. Cada vez vou sentindo mais que se não pode perceber o que seria essencial perceber, mas procedo sempre como se estivesse convencido do contrário; ou, por outras palavras, não renuncio. Não lanço a moeda, porque não renuncio a compreender, porque não renuncio à deliberação, porque não renuncio a uma vontade em que não acredito. Seria talvez interessante procurarmos saber por que não renuncio, pondo de parte a hipótese de que sou amendoeira e dou amêndoas.

Não renunciarei, por medo? Por vezes, pendo a crer que sim. Se fosse indeciso uma vez na vida, se me confiasse aos agouros e à sorte, não havia nenhum motivo para me não confiar sempre; e a vida seria impossível. Era, no fundo, uma covardia perante tudo o que aparecesse, depois uma apatia, um deixar-se levar pela corrente, sem nenhum esforço de remar. Age aqui o instinto de conservação. Tenho de me bater, para sobreviver. Se falho uma vez, tudo desaba; há vários tambores numa coluna; mas, se um faltar, talvez desabe o templo. Creio que não renunciarei nunca e é essa a única forma da coragem que ardentemente desejo que jamais me falte.

Esse horror à renúncia deve vir de uma disposição geral para um não abandono. Há sempre em mim quem me não permite as completas entregas, quem me refreia, me incita, me leva às vezes duramente pelos caminhos que julga mais necessários. Em você, a mão de rédea é fraca: esse amor da lógica, do raciocínio, é uma superficial aparência, mascarilha de baile que a vida se encarregará de lhe tirar. Você está passando lentamente dos invertebrados aos vertebrados; se a lei da evolução está certa nesse ponto, se cada um de nós reconstruir o ciclo da espécie, há uma passagem de invertebrado ao vertebrado; não creio que ela se dê no embrião: dá-se no adolescente e seria interessante fazer uma estatística dos que não chegam a vertebrar-se, dos que não adquirem





espinha dorsal e molemente se abandonam aos impulsos exteriores e interiores. Você, Luís, está num momento difícil, o momento em que as aranhas mudam de pele, ou, se o prefere, em termos nobres, o momento em que Hércules Alcides escolhe entre a virtude e o vício. Não lance a moeda porque pensa, não lance a moeda porque o mundo é matemática, não lance a moeda porque vai contrariar uma filosofia; não lance nunca a moeda, mas seja o seu motivo o não poder lançar a moeda, o ter tal força dentro em si, tal cocheiro guiando os cavaleiros, que mesmo que você quisesse o contrário, tinha de obedecer com upas e ladeios, mordendo o freio, espumando e raivando, mas obedecendo. Jogar é um abandono: como tal, reprovável.

Já você, outro dia, se revoltou perante o meu prazer de embarcar, embarcar sempre, acreditando cada vez menos nos portos de chegada; você, para lutar, precisa de ter a certeza da vitória. Bem sei: só vence quem tem fé, e aí de quem vai desanimado para os combates, e nem sequer acredita que se possa ganhar... Já ouvi tudo isso e tentei aprendê-lo bem e sei que, naturalmente, vocês todos têm razão. No entanto, continuo a suplicar aos deuses, a ter como mais firme dentro em mim a aspiração de que um dia atinja o heroísmo de me atirar a todas as batalhas em que não haja esperança de vitória. Ser um homem de ciência, por exemplo; construtivo e cético. Cheio de dúvidas metódicas e de entusiasmo. Não me tentam nada as estradas que vão de um ponto a outro, de que sabemos à partida, a quilometragem e a direção; tentam-me as estradas que não vão dar a nenhum ponto. E não larguei ainda porque não sou bastante forte para essa vida difícil. Admiro muito os cristãos que iam para o circo e se deixavam torturar, despedaçar, devorar pela sua causa; admiro imenso os homens que uma chama de fé abrasava e transformava em heróis. Mas no mais íntimo do meu coração reservo um lugar para o que talvez tenha estado entre eles e sem fé; espero que um dia um arqueólogo descubra um papiro com o nome e a história desse herói. Um papiro do futuro, porque não creio que até aqui a humanidade tenha produzido flor tão rara. Mas já houve: Jesus.

Pois, querido Amigo: embarcar num navio que nunca chegará, rumar por mapa e bússola ou goniômetro para o porto que não existe; meter-se uma pessoa ao maior jogo, sem jogar. Lembra-se de eu lhe ter censurado o seu desprezo



pelo gordo, pacífico merceeiro que morava a seu lado? Você atacava-o, porque ele não se metia em nenhuma aventura, calculava interminavelmente, ia sempre pelo mais seguro. Mas, não estava ele vivendo? Não estava ele atravessando a maior das aventuras? E não percebo então, se você é contra o merceeiro, por que motivo admira tanto aquele capitão do Conrad que passa através da tempestade, e a vence, sem acreditar na tempestade. Jogar a vida, mas não jogar nada dentro da vida. Você, às vezes, dá-me a impressão de que, não tendo coragem para jogar a vida, se entretém em pequenos jogos dentro da vida; é fraco em tudo. Espero vê-lo um dia descer do vigésimo à cautela; a cautela convém-lhe porque é barata e sórdida.

E hoje é sábado, exatamente. “Não há sábado sem sol, nem domingo sem missa, nem segunda sem preguiça.” Depois do sábado de sol, você volta de tal modo que há logo preguiça no domingo. Utilize o sol, mas despreze-o; trate-o do alto, como a um escravo; o sol é encarregado de o servir a você, não é seu dono. Você é superior ao sol. Não se unja de bálsamos, como os imperadores assírios, não se deixe dominar pelos eunucos. Ame a Natureza, mas como a dócil serva que dá prazer e, às vezes, filhos. E não lance moedas; deixe isso aos fracos. E passe por aqui quando puder.

Sempre muito amigo,

*J. Nav.*